

tudo] (...) era um sacrifício... porque eu começava a conquistar alguma coisa com o meu esforço... [29]

Por outro lado, no Dror, viver coletivamente não era só questão de convicção, era também um aprendizado.

O coletivismo era sim um valor no Movimento (...)... era uma coisa muito forte e eu me lembro de achar muito legal. (...) na primeira machané a que eu fui, eu levei chocolate na mala; mais tarde eu fui ver e não tinha mais o chocolate... alguém passou, examinou todas as malas e levou os chocolates todos. Eu achei muito correto. Não fiquei nem um pouco zangada. (...) nunca me senti sufocada pelo grupo, de jeito nenhum, pelo contrário, era muito bom pertencer ao grupo. No grupo, era muito bom, eu me sentia muito segura. (...) era um espaço para a individualidade, apesar do coletivo. Além disso, lá se aprendeu solidariedade (...). [18]

Desde cedo, os *chaverim* eram treinados nesse sentido. Com o tempo, esperava-se que soubessem viver com cotas restritas e igualitárias.

Num grupo que dava tanto valor ao coletivo, era difícil a coexistência de vozes muito dissonantes e graves comportamentos desviantes. Como já foi dito, quem destoava muito saía; ou por não encontrar espaço e sentir-se marginalizado, ou por fazer algo tão sério que justificasse uma expulsão aos olhos do Movimento. Pequenas transgressões que iam de encontro ao ideal coletivista, como roubar doces nos acampamentos, praticadas pelos mais novos, eram reprimidas quase paternalmente pelos *madrichim* (com intuito educativo), e significavam, mais que um questionamento do ideal, um ligeiro desafio à autoridade e uma brincadeira inconseqüente.

3.8. Desvios de rumo

Ao longo de todo o trabalho, tratando de assuntos diversos, vamos também tendo uma idéia das diferentes trajetórias dos jovens no Dror; as motivações, as participações como educando e educador, as formas de militância e convivência, as carreiras no Movimento, as justificativas para permanecer ou abandonar o Dror.

A respeito destas últimas, podemos apenas tecer considerações e tirar conclusões limitadas. Explico: muitos depoimentos, especialmente de pessoas que viveram muito tempo ou ainda se encontram em Israel, insinuam que o abandono da utopia tenha tido motivações pessoais inconfessadas mascaradas por justificativas ideológicas ou familiares.

...cada um tinha que se justificar perante si e o grupo..., o [...] se justificou à maneira dele, o [...] também, porque chegava um momento em que cada um tinha que se decidir se fica ou vai e cada mente humana cria sua justificativa para não parecer covarde ao não ir... houve poucos que disseram "fico no Brasil porque aqui a vida me é mais fácil". [12]

Enquanto, no tempo do Movimento, costumava-se dizer que as debandadas eram um sinal de fraqueza ideológica (explicação ainda bancada por alguns), nos dias de hoje, com os estímulos à introspecção, também surgem (ou emergem) explicações de ordem psicológica. Não cabe aqui vasculhar tais motivações e sim, apenas confirmar a idéia de que as explicações dos atos passados também têm história.

A análise dos depoimentos mostra, com clareza, que o ato de deixar o Dror não tem relação direta com o grau de participação do indivíduo na hierarquia formal ou na liderança do Movimento; grandes líderes, altos dirigentes, "indivíduos-promessa" selecionados para o

Machon, foram capazes de abandonar o Movimento enquanto muitos *chaverim* sem maior projeção no grupo partiram convictos para Israel depois de acompanhar os companheiros de *kvutzá* em todos os estágios até a Hachshará.

Tomando como referência as justificativas apresentadas nos depoimentos, os *chaverim* que passaram um tempo significativo no Dror saíram do Movimento no Brasil por uma ou diversas das seguintes razões:

- dar vazão a outras ambições profissionais e econômicas;
- querer evitar os traumas e sofrimentos de uma nova migração;
- optar pelo conforto material ou uma vida conhecida e previsível;
- motivos familiares (pressão contrária dos pais e/ou apego à família de origem, casamentos);
- apego ao Brasil (amizades, clima, literatura, música, futebol, povo...);
- brigas pessoais com outros *chaverim*;
- discordar do coletivismo e prezar muito a liberdade individual;
- incompatibilidades com o *rigor puritano* dos comportamentos;
- desencanto (no caso dos que conheceram a comunidade coletiva e o país quando ainda eram jovens militantes e residiam no Brasil), com o kibutz, com Israel ou com todas as expectativas criadas pelo Dror em seus *chaverim*:

... foi algo complicado para mim... um acontecimento diferente do usual e os amigos foram me perguntar por que eu quis sair: "- Quando eu estava no kibutz, passava o dia colhendo tomate, à tarde, o meu saco estava muito mais cheio que o de tomates". Nenhuma explicação é mais honesta do que essa. Claro que, se eu quiser, posso dar toda a racionalia, mas nada que importe. Foi essa a explicação que eu dei para todo mundo. Para a Agência Judaica, eu fiz uma crítica de como tudo tinha sido conduzido no Brasil: "- ...não era legítimo... toda a manipulação das pessoas, todo o jogo...". (...) Eu tive um rompante: quando tomei a decisão de sair, fui a Jerusalém procurar o diretor do Departamento Juvenil da Agência Judaica, expliquei meus motivos e comuniquéi minha decisão aos meus companheiros. (...) Eu não lembro de ninguém ter me criticado ou tentado me fazer mudar de opinião, no máximo... "- Você tem certeza?". Saí chorando do prédio e fui à pé chorando até a casa onde eles [os outros *chaverim* do Machon] estavam... e o pessoal me respeitou. (...) Eu saí sem romper nem com o kibutz, nem com Israel, nem com o socialismo. Eu rompi com o Dror. Depois desse dia do rompimento ainda fiquei mais quatro meses em Israel trabalhando com minha turma... conversei com os amigos... o kibutz não era para mim, para quem quisesse, tudo bem. Eu não tinha nada contra Israel (seria infantil ficar contra). Estava era contra o Movimento, porque o kibutz não era como ele fazia crer e também não era o caminho do socialismo como o Movimento dizia. Por isso eu me mantive socialista. E não tinha nada contra o kibutz... [17]

Veza por outra, havia os que levantavam questionamentos ideológicos relativos ao sionismo (a necessária aliá das diásporas), ao socialismo ou ao sionismo socialista (não ao estado judaico).

Para mim, foi um sofrimento sair, porque eu tinha um investimento emocional muito grande no Movimento e nas pessoas, que eram queridíssimas... Mas não tinha jeito. Eu me convenci de que aquilo tudo não fazia nenhum sentido, havia uma enorme auto-enganação na idéia de você estar redimindo os judeus ao ir para Israel (só teria sentido se todos os judeus acabassem indo para Israel, mas não havia indícios de uma emigração geral em curso). (...) A minha interpretação era essa: "se você é um judeu convicto e não quer que os valores judaicos se percam, é melhor você ir para Israel". A lógica é você ir para lá, viver no teu país, deixar de ser uma minoria para ser parte da maioria. (...) Mas eu não era um judeu convicto dos valores judaicos. O meu sionismo era um sionismo político pouco espesso. A minha convicção socialista era muito superior. Na verdade, eu me considerava sionista por causa do Holocausto, (...) e eu não era sionista até entrar no Dror... [13]

[Minha saída do Movimento] foi um processo gradual (...) [depois de voltar do Machon] eu avisei a moçada: "vou estudar, tenho 4 anos de faculdade pela frente...". O meu primeiro ano de faculdade já foi um início de afastamento. Para mim estava claro que o meu caminho [de aliá] eu iria seguir. (...) Mas eu não queria ir para Bror Chail, especialmente depois de ter passado quatro meses lá. (...) Depois que me formasse, iria viver em Israel, como de fato fui. Morei em Jerusalém. (...)

- Quando você deixou de ser socialista?

- Acho que deixei de encarar a possibilidade de viver num kibutz em algum momento da faculdade. Eu senti que havia uma certa incompatibilidade entre a visão de um administrador de empresas formada na faculdade, que tinha uma concepção [mais científica] da economia, e uma visão tão romântica quanto a socialista. (...) Eu acho que não teria adquirido uma série de preconceitos se não fosse o Movimento (...), ao invés de você alargar sua visão de mundo, você a estreitava. [33]

Quanto mais o tempo ia se distanciando do fim da II Guerra, mais o apelo emocional ia se afastando e eu conseguia refletir com mais clareza sobre o Movimento. (...) Me incomodava basicamente a idéia de que a única saída do povo judeu era viver em Israel e dentro de um kibutz. Em primeiro lugar, eu achava que não tinha que ser dentro de kibutz apenas. Em segundo lugar, que não tinha que ser necessariamente em Israel. E em terceiro lugar, eu achava que talvez nem tinha que permanecer o povo judeu... eu comecei a desenvolver algumas idéias: "Por que precisa de 'povo judeu'? No final das contas, talvez não precise de povo nenhum, já que a humanidade é uma só." (...) Eu já pensava nisso aos 18 anos com certeza absoluta. Eu me lembro perfeitamente de conversas que eu tive em Belo Horizonte [onde estava como shliach do Dror] com pessoas não-júdas: quando eles me perguntaram o que eu fazia lá, eu respondia que fazia parte de um grupo judaico, mas nunca explicava muito bem... e eu lembro que eu falava: "- Você é mineiro? O que é ser mineiro se a humanidade é uma só?"... Eu começava a ter essas idéias de uma "humanidade mais ampla"... [27]

Pode-se dizer que certos questionamentos relativos à doutrina ideológica ou aos limites da liberdade individual foram uma espécie de efeito colateral indesejável alimentado pelo próprio Movimento que incentivava leituras, enviava militantes para estágios em Israel e defendia, como princípios, a liberdade de pensamento e escolha. (Enquanto minava os laços do *chaver* com a Diáspora, podia também estar comprometendo sua ligação com o próprio grupo.) Por outro lado, o ambiente para dúvidas no Dror era bastante desfavorável (especialmente na fase em que as idéias estavam mais cristalizadas) na medida em que se encontrava poucos interlocutores dispostos a questionar os pontos básicos da militância e que o *chaver* era levado a travar embates com sua própria consciência.

Em parte eu gostava e sentia orgulho de ser madrich (...), sabia que estava lutando por uma causa. Mas, eu tinha também uma certa sensação (não muito clara) de desperdício de talento intelectual, porque era um trabalho um pouco repetitivo, linear, em que você tinha que jogar para baixo a reflexão teórica. O trabalho do madrich não era um trabalho com contradições, não dava para discutir muito, porque o objetivo era doutrinar. E eu discutia comigo mesmo, questionava muito aquelas coisas que a gente ensinava. Porém, ao conversar com meus companheiros, não sentia uma receptividade, naquela época, ao que eu dizia. Às vezes levantava algum problema e eles diziam: "- Isso aqui é assim mesmo, é isto que tem que ser ensinado"... ninguém estava muito disposto a discutir. Eu tinha sempre a sensação de que as pessoas iam com a valsa e não queriam parar a música para saber se aquela era a que tinha que ser tocada. (...) quando eu saí de São Paulo, eu questioneei realmente a ideologia do Movimento. Porém, era uma coisa contraditória: eu questionava racionalmente, mas nutria um sentimento de culpa por estar questionando e me perguntava se eu não estava fugindo da luta, se eu não estava com medo. Se tanta gente largava as coisas para ir para Israel tirar leite de vaca, botar merda nos campos ou guiar um trator no meio do deserto - o máximo da idéia romântica - como eu questionava isso tudo? Será que eu não estava tendo uma atitude burguesa? Eu tinha muito medo de ter uma atitude burguesa. (Talvez tivesse saído até um pouco antes do Movimento se não tivesse tanto medo de assumir uma atitude

burguesa.) (...) Eu me culpava por questionar e me perguntava se, no fundo, eu não tinha era despreendimento suficiente para largar tudo e sair lutando pelos ideais em que acreditava. (...) A dificuldade dentro do Movimento não era só não poder discutir isso com os meus chanichim, mas também, e principalmente, não poder discutir isso com os meus próprios companheiros da minha idade. (...) Eu era muito amigo do [...], nós éramos da mesma shichvá (...). O [...] era um cara inteligente e não gostava de ser questionado, a partir de um certo ponto ele desconversava - "Isso é assim mesmo." - e dava o assunto por encerrado. Me incomodava muito aquilo, que eu vim a perceber depois que era uma atitude dogmática, e na ocasião eu achava apenas que ele tinha muitas certezas e eu achava incrível uma pessoa ter tantas certezas. Eu o admirava muito por aquilo que eu não era: um homem de certezas e verdades definitivas. Ele tinha certezas absolutas sobre tudo. E eu tinha muitas dúvidas... Para mim o [...] era o modelo. (...). Eu achava que a vida dele devia ser muito fácil, porque ele tinha certezas e a minha era uma vida muito torturada, cheia de dúvidas - nesse sentido eu o admirava. [27]

Sair do Movimento não era uma decisão rápida e fácil, contam os depoimentos. O sentimento de frustração acompanhou várias das pessoas que deixaram o Dror até que encontrassem outras metas de vida. *Ex-chaverim* afirmam que, depois de romper os laços com o Movimento, passaram por um período em que se sentiram *perdidos, solitários, tristes, marginalizados, renegados, desadaptados...*

Tive dificuldades de integração; era difícil me sentir brasileiro, eu estava desadaptado da vida real, como alguém que volta da guerra do Vietnã, passei por um período traumático. Quem volta do Vietnã só consegue se relacionar com ex-combatentes, para mim não havia isso, o fato de "sair do Dror" não unia ninguém. (...) foi um ano de depressão... [9]

A readaptação nem sempre foi tranqüila. Era preciso fazer novos amigos, aprender a dançar, voltar à escola, incorporar outros códigos de relacionamento, enfim, adequar-se à vida que tanto se havia criticado ou procurar, como vários fizeram, outros focos de interesse e caminhos tais como grupos de teatro, militância estudantil, socialista ou judaica no Brasil. Depois, as carreiras profissionais e as responsabilidades de uma vida familiar os fizeram esquecer muitas das expectativas da juventude. Vários *ex-chaverim* contam, entretanto, que precisaram ir até Israel - alguns até o kibutz - para se convencerem de que não iriam mesmo morar lá, para finalmente abandonarem os projetos droristas.¹⁰⁶

3.9. Expectativas

3.9.1. Expectativas com relação à vida familiar

Uma vez destruído o capitalismo desaparece a família burguesa e a Revolução dará origem a novas relações entre os sexos.

A família do futuro era apenas uma idéia vaga na mente dos jovens *chaverim* no Brasil. Em teoria, criticavam o modelo burguês e se propunham a adotar o que imaginavam ocorrer no kibutz. Por vezes, entravam em discussões sobre o tema, mas nada muito aprofundado. Em geral, despreocupados com um assunto que lhes parecia distante no tempo e no espaço, confiavam em fórmulas como a *família é o kibutz*, acreditando que todos os companheiros constituiriam laços afetivos e de solidariedade mútua tão fortes que suplantariam os tradicionais e os familiares. Alguns extrapolavam, idealizando essa convivência, como se a vida no kibutz fosse uma extensão melhorada da vida de Movimento: